

Os cinemas estão fechando

EXIBIDORES, DIRETORES E A EMBRAFILME DEBATEM A (GRAVE) CRISE

Os cinemas estão fechando em todo o país e os dados são alarmantes: enquanto os Estados Unidos têm mais de 30 mil salas e a União Soviética mais de 100 mil, o Brasil, também de dimensões continentais, não chega a ter duas mil. Um problema complexo que não pode ser creditado apenas à maior penetração da televisão e à crise econômica, que inviabilizaria a manutenção de muitas dessas salas. Para debater o problema e a situação da exibição cinematográfica em Brasília, o **CORREIO BRAZILIENSE** reuniu, em mesa-redonda, os exibidores Jaime Tavares, da São Paulo-Minas, Deusdeth Burlamaqui, da Sá Pinto, e Carim Nabut, o representante da Embrafilme e do Concine, Dario Corrêa; e os realizadores Vladimir Carvalho e Geraldo Sobral. A repórter especial Maria do Rosário Caetano coordenou os debates.

CORREIO: Para começar, sugerimos que cada debatedor apresente um quadro panorâmico da questão do fechamento de salas e a propalada crise da indústria da exibição cinematográfica.

Jaime Tavares: A situação é a seguinte: os cinemas, de um modo geral, no Brasil todo, encontram-se em situação de caos total. Há um declínio de frequência, aliado aos altos custos impostos pelas autoridades. Custos estes que estão diminuindo a liquidez do próprio exibidor. Este se vê impedido de fazer novos investimentos e consequentemente de aumentar o número de salas. Atualmente, no Brasil, segundo informações fornecidas pelo nosso Sindicato, encontram-se em funcionamento 16.988 salas, de um número aproximado de três mil cinemas existentes há cinco anos. Deparamo-nos, então, com uma média de fechamento de 200 cinemas/ano.

Carim: Acredito que o problema do cinema brasileiro é mais conjuntural do que estrutural, e mais de caixa do que de ideias. É um problema mais de recursos do que propriamente de soluções.

Soluções todos nós temos para aquilo que estamos vivendo. Tenho, através da imprensa, externado os problemas que já aventamos sobre as nossas dificuldades. Gostaria de salientar, e que ficasse bem claro, que eu sou totalmente a favor do cinema brasileiro. Se eu pudesse e contasse com número suficiente, só exibiria nos meus cinemas filmes brasileiros, assim como gosto de só ouvir a música popular brasileira. Mas, infelizmente serei obrigado a fazer determinadas colocações e gostaria que essas colocações, na hora da verdade, elas não fossem interpretadas como vindas de uma pessoa radical contra o cinema brasileiro. Muito pelo contrário.

O complexo cinematográfico, para ter uma boa sobrevivência, deve-se apoiar num tripe: produção, distribuição e exibição. Qualquer fortalecimento de um dos elementos do tripe ou enfraquecimentos de outros, fará ruir esta estrutura cinematográfica. Quando digo que o problema do cinema em si, e hoje nós estamos vendo diante dos olhos aquilo que há quatro anos eu estava sempre denunciando e chamando, para que se procurasse uma solução, que nós chegaríamos a esse caos que ora atravessamos. Prego a união de esforços entre Embrafilme, Concine e exibidores, pois se nós estamos dentro de uma atividade, e se essa atividade é conexa entre essas três forças atuantes, deve-se ao encerrar qualquer dificuldade buscar a união entre as partes, a fim de que se possa encontrar o caminho verdadeiro para a salvação. Existem resoluções do Concine que na época foram oportunas, hoje elas não podem, de forma nenhuma, ser atuantes, pois não dão ao cinema condições de sobrevivência.

Nós, e o Jaime citou dados estatísticos, que em 1978 tínhamos 3 mil cinemas, hoje temos 1800, 1900. Acredito que se nós não tomarmos uma posição séria, honesta e usar da verdade, fatalmente, dentro de muito pouco tempo não teremos cinema nenhum neste País.

Deusdeth Burlamaqui - Já foram feitas várias colocações aqui pelo Jaime e pelo Nabut que não vou repetir. Elas são autênticas, verdadeiras, e eu endosso em gênero, número e grau. Também entendemos que deve haver o mais estreito entrosamento entre o tripe: produção, distribuição e exibição. Sabemos que a situação é periclitante, é difícil. Entendo, que dentro de pouco tempo, mas de muito pouco tempo, dentro de um ano talvez, a exibição do cinema nacional chegará ao fim. Há pouco tempo, dei entrevista ao **CORREIO BRAZILIENSE**, e afirmo que se dois cinemas conseguissem sobreviver em Brasília, exagerei? Não! Foi até condescendente. Na realidade, no nosso entendimento, só um tem condições de sobrevivência. (O exibidor refere-se ao Cine Atlântida). Os demais, face aos fatos que já foram enumerados, não têm condições de continuar. Eu só estou funcionando este mês, graças a uma liminar. Os encargos são de tal ordem que estão insuportáveis. Lá, no Conjunto Nacional, por exemplo, a coisa está proibitiva. O condomínio é cem por cento mais caro que o aluguel do imóvel. Isso é um absurdo, não há cabeça humana, por mais irracional, que seja que possa admitir tamanha violação. Então, entrei com uma liminar e estou pagando ainda pelo preço de dois meses atrás. Outro fator que foi muito propriamente lembrado aqui é o da energia elétrica. Em todos as unidades da Federação, a energia elétrica que se consome no cinema é paga pela tabela de custo industrial. Sómente em Brasília, e fiz pesquisa so-

mente em Brasília, e fiz pesquisa so-

Dario Corrêa: "O novo posicionamento do circuito exibidor e a cartelização da distribuição empreendida pelas multinacionais são as causas principais do fechamento de cinemas"

bre isso, é que se paga a força na base da energia elétrica doméstica, que é cerca de 80% mais cara que a energia industrial. A Embrafilme, por seu lado, está nos vendendo ingressos por um preço, me desculpem, extorsivo. Não se justifica, no nosso entendimento, que um rolo que contém cerca mil ingressos, e que se compra na papelaria cerca de 300 cruzeiros, nos seja vendido pela Embrafilme pelo preço de Cr\$29.400,00. Há também, não sei se vai aí alguma crítica, outro problema: a resolução do Concine, com relação ao fim da meia-entrada para o estudante não foi eficaz, não foi feliz. E vou explicar porque: Nós sabemos, temos convicção absoluta da coisa, que aqui em Brasília existe uma verdadeira indústria de carteirinhas de estudante. Ora, muito bem. Com aquela resolução não foram atingidos tão somente os estudantes, mas todos aqueles indivíduos que portavam as tais carteirinhas "fabricadas".

Nós sabemos disso, mas o que nós convém é que a sala esteja lotada. Porque se a sala está lotada, evidentemente, entrou algum dinheiro, se entrou algum dinheiro o prejuízo diminuiu. Fora os encargos oriundos de taxas e impostos que já foram demasiadamente abordados aqui, ainda existe este agravante. Então, parece-me que não se atentou para esse detalhe, para essa peculiaridade de Brasília. As carteirinhas falsas, por mais paradoxal que pareça, não eram prejudiciais ao cinema. E por que não? Porque o frequentador, o portador daquela carteirinha entra no cinema pagando meio ingresso. O que não é bom é as salas ficarem completamente vazias, porque houve o problema que todos já conhecem da Resolução que manda se vender ingresso meia só às quartas-feiras e nas sessões vespertinas.

Dario - Quero somar as preocupações da Embrafilme e Concine às preocupações dos exibidores, pois



Da esquerda para a direita, Burlamaqui, Carim, Jaime, Rosário, Vladimir, Sobral e Dario: a exibição em debate na redação do **CORREIO**

nós todos estamos atentos ao decréscimo do número de cinemas e à consequente deterioração da qualidade das salas. Neste momento, o problema mais grave ocorre no terminal do processo: a sala de exibição. Hoje, com a **cartelização** da distribuição cinematográfica, os exibidores do interior não conseguem filmes para exibir: a não ser os da Embrafilme. Segundo nossas previsões, se daqui a cinco anos a situação não mudar, chegaremos ao ano de 1988, com apenas 700 cinemas. Quero citar alguns dados recentes que mostram como é crítica a questão do fechamento de salas no Brasil: no estado do Paraná, nos últimos cinco anos, o número caiu de 372 salas para 136. Um decréscimo de 62%. Outra queda alta verificou-se no Rio Grande do Sul, onde foram fechadas 35% das salas. Na Bahia, o número é semelhante. Em Minas, o percentual de fechamento é de 29%, em São Paulo, de 21% e no Rio, de 17%.

CORREIO: Sabemos que das 1.988 salas em operação no país, apenas 750 são viáveis economicamente. Por quê?

Dario - Vou chegar lá. Quero deixar claro que não podemos analisar o problema com simplismo, pois ele é muito complexo. Temos que considerar fatores como a penetração das redes de TV pelo interior do país, a migração urbana, etc. O fechamento de cinemas, para nós, decorre de alguns fatores básicos: o novo posicionamento dos circuitos exibidores que concentraram sua atuação nos médios e grandes centros, abandonando totalmente o interior: a reformulação da política de atuação das empresas distribuidoras estrangeiras, que constitui aquilo que chamei de **cartelismo**: a diminuição da oferta de empregos no país gerada pela crise econômica; a queda na produção nacional de filmes baratos, tipo os da Boca do Lixo; a redução da importação de filmes estrangeiros pelos pequenos distribuidores e os altos custos de comercialização. Com relação à qualidade das salas, temos que radiografar o quadro atual que se nos apresenta. As salas operam com equipamento antigo e nossos técnicos, outrora altamente especializados, não querem, hoje, saber de recuperar os equipamentos existentes. O problema é tão grave, que nos resta perguntar: como pode um pequeno exibidor ou mesmo um grande circuito, numa faixa de baixa rentabilidade, investir na manutenção de uma sala, se não há peças no mercado, e os seus projetores estão totalmente metamorfoseados, com peças de aparelhos totalmente diferentes? Em síntese, há que se dizer que nós não contamos com desenvolvimento de tecnologia adequada à recuperação das cabines existentes. Como resolver este quadro alarmante que se nos apresenta com o fechamento de cinemas? Ninguém pode cruzar os braços e esperar que a Embrafilme e o Concine tirem a solução do bolso. O problema só será resolvido se todos — exibidores, produtores, Governo, sociedade civil e a imprensa — se unirem em busca de soluções comuns. Os exibidores estão trazendo dados específicos para a discussão pública, e isso é ótimo. Sobre questões como altos custos de condomínio, energia elétrica com preços domésticos e não industriais, alto ISS, temos que buscar soluções rápidas. Estou sabendo que foi inaugurado em Brasília um novo e enorme shopping center, e que nenhum cinema foi implantado no referido espaço. Ficamos a nos perguntar como, atualmente, se pode estabelecer um negócio, que é de movimento, sem ter um ponto cultural, uma sala de exibição cinematográfica? Quanto à reclamação do Burlamaqui em relação ao Conjunto Nacional, resta-nos sugerir que a administração deste centro de compras estimule a existência de salas de espetáculo, pois elas funcionam como ponto de atração. Quer dizer, os lojistas deveriam arcar com um custo adicional na sua taxa porque os cinemas trazem gente. O cinema é um ponto de atração. Isso aí é verificável em qualquer shopping center do mundo. Estes são alguns dados que eu queria trazer, acentuando que o fechamento de cinemas está ocorrendo, principalmente no interior, em função da **cartelização** da distribuição. Hoje, temos apenas três distribuidores no país: a Embrafilme e duas multinacionais. Quer dizer, o pequeno distribuidor, aquele que iria suprir o pequeno circuito, dando condições de concorrência dentro do mercado, não existe mais. Ele foi inteiramente absorvido no mercado, e

esta questão se insere dentro de uma problemática maior, que transcende até a economia.

Geraldo Sobral - Acho que esta discussão deve partir de uma constatação mais ampla: a crise do negócio cinematográfico em Brasília reflete a crise do negócio cinematográfico a nível internacional. Cabe tal-

Jaime Tavares: "Os exibidores brasileiros estão atuando num mercado que vive um caos total. Há cinco anos, tínhamos três mil salas. Hoje, temos apenas 1988"

vez detectar as razões e me parece que a principal delas está no fato de que os meios de divertimento eletrônicos fizeram com que o público, de 30 anos para cá, fosse sensivelmente diminuído, principalmente pela TV. Li há 15 anos entrevista de um ator de renome internacional que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo Francois Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, da qual a crise brasileira é um reflexo. Cabe ao exibidor de Brasília levantar as possíveis causas locais. E uma delas, que não foi tocada, talvez até por um certo sentimento corporativo — a cartelização, que atinge, também, a exibição. Por que vocês, aqui presentes, que representam provavelmente 90% da exibição local, não têm acesso aos principais filmes do ponto de vista comercial? Porque a cartelização existe também ao nível da exibição. E um único exibidor impõe as regras, por ser dono de salas em outras praças (referência a Severiano Ribeiro). A regra do jogo impõe para ele, os melhores sucessos comerciais, enquanto as sobras cabem a vocês. Do meu ponto de vista é absurdo, por exemplo, que o Governo do Distrito Federal arrecade 10% da renda bruta de cada filme com Imposto Sobre Serviços. Esse imposto deveria ser, numa primeira etapa, sensivelmente diminuído, numa segunda, eliminado e numa terceira etapa transformado num imposto inverso, ou seja, revertido em subsídio à indústria exibidora local.

Vladimir - Não vou falar em nome dos realizadores brasileiros, pois não estou aqui representando nossas entidades de classe. Sabemos que as razões mais profundas desta crise na exibição cinematográfica, como bem mostraram Dario Corrêa e Geraldo Sobral, se devem a fatores internacionais, como a **cartelização**. Sabemos, também, que ela tem caráter nacional e local. Vou discutir a questão do ponto de vista local, colocando algumas questões ainda não abordadas. Nós, da Associação Brasileira de Documentaristas, estamos discutindo dado fornecido pelo senhor Harry Stone, o embaixador do cinema americano no Brasil: em entrevista à imprensa carioca, disse que Brasília é o paraíso das salas de exibição gratuita. Aqui, temos salas exibidoras para madames Pompadour e Maria Antonietas, que se fazem acompanhar de seus fidalgos e vassallos. Aqui, nós sabemos muito bem, respira-se essa coisa de corte, uma corte fajuta, mas corte. Cada ministério, cada autarquia, cada banco, cada mansão tem sua salinha particular, onde são recebidos 100, 200, 300 convidados. Está aqui o Carim Nabut que não me deixa mentir, pois ele mesmo mantém, em sua mansão, uma sala de exibição. E ele é um exibidor que atua no mercado comercial. E claro que ele não tem a intenção de tirar público do circuito comercial, com suas sessões particulares. Porém, não podemos deixar de ver na atitude dele, um reflexo exato da situação reinante em Brasília. Todo mundo tem sua validade: ao construir uma casa no Lago Sul, os moradores desta cidade-

Estado, uma corte, como eu já disse, têm a validade de montar a sua sala de exibição particular. Se os órgãos públicos são os primeiros a dar o mal-exemplo, o que podemos fazer?

Outro problema que quero abordar é o seguinte: toda vez que os exibidores se rebelam e falam de seus problemas, no fundo no fundo, a gente detecta o interesse deles em acabar com a lei da obrigatoriedade de exibição do filme brasileiro. E isto nos afeta muitíssimo, a nós que somos realizadores.

Em geral essa crise toda, e por isso fico meio cismado quando vejo os exibidores e eu como o único realizador, porque em geral esse tipo de crise leva sempre a reivindicação do tipo: isenção para os exibidores, vantagens para os exibidores isso, aquilo e aquilo outro. Sempre foi assim, desde que me entendo como gente. Dou meu depoimento, e talvez não precise mais falar aqui: eu sou um militante cultural nesta cidade. Estou aqui há 13 anos e não tenho feito outra coisa a não ser a militância cultural. Realizei a duríssimas penas um filme de longa-metragem: **O Homem de Areia**. Meu primeiro longa — **O País de São Saruê** — teve carreira razoável. Na segunda vez, por uma infelicidade, uma coincidência, enfrentei uma safra de filmes de extraordinária força comercial: os vencedores do Oscar e depois do Festival de Cannes. O que aconteceu? Em primeiro lugar, sempre contei com a má vontade, desde o início, para que esse filme fosse lançado pela rede da São Paulo-Minas. Fiz um esforço brutal, enlouquecido, realmente fiquei enlouquecido nesta cidade para que o filme fosse exibido. Na metade da primeira semana, senti que meu filme não dobraria. Então, fiz o possível. Boicotado pela imprensa, onde não sequer tive uma primeira página de um dos jornais locais, fiz um esforço fora de propósito, para uma pessoa só. Abandonado, tendo que, praticamente, ensinar o caminho do cinema, desses cinemas que ficam nessas galerias, embutidos nesses shoppings centers da vida, passei a atuar. Alguém me sugeriu que entrasse em contato com a direção desses shoppings centers, para fazer propaganda sozinho. Acabei expulso de tal local, a polícia me tirou de lá duas vezes. Por sorte minha, porque não sou burro, saquei uma frase que foi muito interessante: Este filme — **O Homem de Areia** — não ganhou o Oscar. Todo mundo que passava pela plataforma superior da Rodoviária vinha ver do que se tratava, que filme era aquele que não ganhou o Oscar? Com isso eu pude postergar, pude adiar mais dois ou três dias, sei lá, a minha permanência no tal de Cinema Um. Bom, quando a imprensa nacional, porque tive, a felicidade de, embora retratado pela imprensa local, de ter atingido as páginas da **Veja**, que veio me encontrar naquela situação e fotografou e divulgou. A mesma coisa aconteceu com a TV Globo, que é exatamente quem dita a moda no país. Então, o que fiz foi um trabalho de início pelo cinema brasileiro. Bom, a crítica que eu queria fazer é o deslignamento, a estupidez, em certos casos, dos exibidores com todo respeito que eu tenho pelos aqui presentes. Quando essa influência, a influência desse marketing malcriado que eu inventei, podia ter dado resultado, procurei insistentemente a São

Burlamaqui: "Só um cinema em Brasília terá condições de continuar operando com lucros. E esta situação é grave em todo o país. Se não tomarmos posição firme, enquanto é tempo, o cinema vai chegar ao fim"

Paulo-Minas para que entendessem que, numa segunda semana, eu poderia novamente fazer gestão junto à imprensa, continuando a desenvolver um trabalho, pois visitei setenta salas de aula nesta cidade, de curso superior; quando eu começava a obter a compreensão do público, quando as pessoas me paravam no meio da rua, para saber como estava indo a campanha, obtive, um não categórico e o filme foi retirado do circuito comercial. E até hoje sequer tive a honra de ser remarcado num desses cinemas. Então, acho que isso depõe contra a sensibilidade do exibidor. Muitas vezes, só tenho visto ele aparecer como o bonzinho, para reivindicar menos dias para o cinema brasileiro, como foi o caso.

CORREIO: Em entrevista ao

CORREIO BRAZILIENSE, o exibidor **Carim Nabut** disse que a queda de produção de filmes brasileiros nos levará a um impasse: falta de filmes para lançamento nos cinemas brasileiros. Isto pode ocorrer?

Carim - Há quatro anos que eu dizia que chegaríamos a este impasse. Hoje, temos 13 cinemas no Plano Piloto, todos lançadores. Para colocar filmes brasileiros cobrindo um terço do ano, e esta é a exigência da lei, precisaríamos de 180 filmes nacionais, anualmente. Nossa produção, hoje, porém, está entre 60 e 80 filmes. O que vamos fazer? Programar reprises?

Dario - Estamos estudando este assunto. Queremos, porém, alertar a todos que este tipo de raciocínio nos mostra a estratégia de alguns exibidores: eles querem o fim da Lei da Obrigatoriedade. As limitares em São Paulo (impetradas pela CIC americana, a Gaumont francesa e a Haway paulista) mostram isto muito bem. Quanto aos dados fornecidos pelo Carim, tenho que rebate-los, pois não correspondem à verdade. Se há 13 cinemas no Plano Piloto, não se pode esperar que todos sejam lançadores. A rede exibidora de uma cidade é dividida em cinemas lançadores, salas de continuidade e cinemas de terceira linha. As capitais regionais precisam de uma média de 20 filmes diferentes por ano, para cumprir os 140 dias da Lei de Obrigatoriedade. Na realidade, o exibidor tem que dedicar 20 semanas ao cinema brasileiro. Há filmes nacionais que ficam em cartaz mais de quatro semanas. Rebatemos, também, os dados apresentados com relação à queda na produção cinematográfica brasileira. Este ano, ela será mantida. (Os dados da produção brasileira hoje, não foram apresentados). Volto a repetir que a Embrafilme, sozinha, não pode resolver o problema. A empresa continua estimulando o cinema nacional de boa qualidade, e sabemos que uma produção de 80 a 100 filmes é suficiente para cumprir a Lei da Obrigatoriedade. Defendemos, também, a pluralidade de produtores. Não cabe à Embrafilme produzir todos os filmes brasileiros. Se hoje verificamos um esvaziamento do mercado exibidor, a culpa não é da Embrafilme, mas sim do cartel internacional, que só está operando com 750 salas. Para as distribuidoras multinacionais, não compensa lançar o **ET** nas cidades do interior. Elas só lançam o grande filme nas cidades médias e grandes. E assim, privados de maiores sucessos internacionais, os cinemas do interior vão se arrefecendo, até fechar. A Embrafilme, porém, continua enviando todos os seus filmes para os circuitos de todo o país.

Jaime Tavares - Apenas uma breve observação as palavras do Vladimir, com referência ao lançamento do seu último filme: como realizador ele deve se lembrar, que a data escolhida foi de conveniência de sua parte, bem como de concordância com a sua distribuidora. Se ela coincidiu com a semana do Oscar seria uma coisa que deveria ser prevenida com uma certa antecedência por ele e pela distribuidora. Agora, se a imprensa local não deu cobertura como realmente deveria dar, por ser filme local, talvez tenha faltado um pouco de habilidade. Agora, a continuidade da fila em cartaz se deve ao fato dela não ter atingido determinada renda. O produtor e o diretor devem entender que os nossos compromissos, ao final do mês, são inadiáveis. E a nossa renda não conta com subsídios de nenhuma autoridade. No final do mês, os encargos terão que ser pagos, assim como nossos empregados. Nenhum dos nossos empregados irá haster a bandeira da cultura. Eles querem é haster a bandeira da alimentação. Se ocorreu o que aqui foi relatado, foi por culpa da arrecadação pequena que o filme proporcionou. Poderemos fazer um relançamento da fita, da melhor forma que lhe convier, e colocamos nossos cinemas à disposição para que isso possa ocorrer no dia que você desejar. Quero, agora, apresentar uma proposta à Embrafilme: sendo ela um órgão do Ministério da Educação e Cultura por que não coordena a emissão das carteiras de estudantes padronizadas no Brasil todo, como é feito com o ingresso padronizado no Brasil todo? Primeiro, atingiria uma arrecadação fantástica, tirando esta taxa atribuída à contribuição de exibidor (através do ingresso padronizado). Estes subsídios, além de gerar novos filmes, eliminariam a falsificação que ocorre no Brasil todo.

4 **CORREIO ATUALIDADES**
Brasília, 5 de dezembro de 1983
Suplemento diário do **CORREIO BRAZILIENSE**
Não pode ser vendido separadamente

ENTRADA CINEMA

AMARCORD, de Federico Fellini — **Cultura Inglesa** (908 Sul), às 20:40 horas. A viagem que Fellini realizou em 1974 a Rimini, cidadezinha onde nasceu e cresceu. Um desfile de personagens que o cineasta de **Oito e Meio** foi buscar em sua infância e juventude. Até domingo.

ETC, ETC...

O KARMA GENETICO — Livro de Herick Athayde Usami que será lançado dia 09, a partir das 19 horas, na Escola-Parque da 313/314 Sul. O livro é o complemento do estudo kármico e evolucionar do homem.

NIGHT CLUB LA BOHEME SHOW — Até o dia 30 de dezembro a Boate Bohème (Conic) estará apresentando duas atrações internacionais: Perla (argentina) e Kiko e Alza (diretamente do Japão), alem de Francis Taylor, Graça (rainha do carnaval), 04 sambistas e 14 Strip Girls.

CURSO PARA ASSESSOR PARLAMENTAR — Curso Intensivo para Economistas e de Francês, com início marcado para esta segunda-feira, aulas pela manhã e à noite, na 205 Norte, bloco A, sala 21. Maiores informações pelo fone: 272-0648.

PROEM — Promoção Educativa do Menor necessária com urgência de vidros de conservas e sucos vazios, para que os menores possam confeccionar suas próprias conservas. A PROEM Escola do Parque da Cidade funciona no Par- que Rogerio Python Farias.

SERVICO COMPLETO
PAGINAS 4 - 5